

## O MODERNISMO EM PORTUGAL- FERNANDO PESSOA E A MODERNIDADE

### META

Apresentar aspectos de modernidade na produção poética pessoana, tanto em Fernando Pessoa (ortônimo) quanto em seus principais heterônimos.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Compreender e explicar o sentido de modernidade;
- conhecer e compreender os fatores de modernidade na poesia de Fernando Pessoa;
- perceber a importância de Fernando Pessoa para a literatura portuguesa do início do século XX;
- dilatar os horizontes culturais a partir do conhecimento das produções literárias do autor;
- reconhecer características e traços peculiares do autor em estudo.

### PRÉ-REQUISITOS

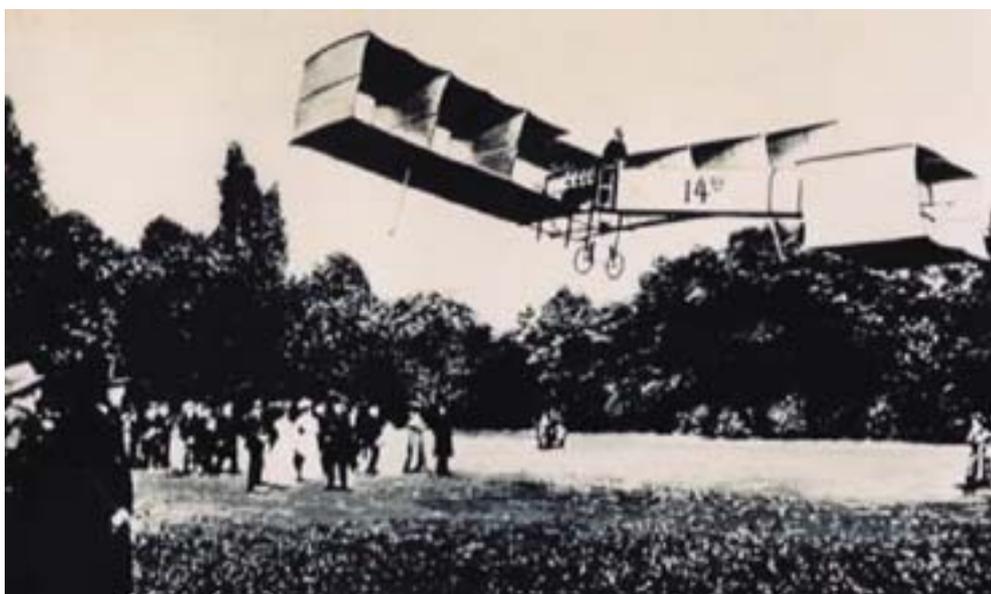
- Leitura das aulas sobre o Modernismo em Portugal;
- informações sobre a Europa do início do século XX (invenções, desenvolvimento científico e tecnológico, lutas sociais, primeira guerra mundial, revolução comunista) e sobre a vida política portuguesa (proclamação da República, ressurgimento do espírito nacionalista e do saudosismo);
- compreensão do papel central da geração de Orpheu na cultura portuguesa do início do século XX.

## INTRODUÇÃO

Caro aluno,

A aula anterior versou sobre o Modernismo português e, conforme você observa, Portugal procurou adaptar-se ao ritmo europeu e beneficiar-se do progresso cultural em curso, inserindo-se no contexto artístico por meio de manifestações estéticas que, por um lado, são marcadas pelo legado simbolista, por outro, seguem os rumos das correntes de vanguarda que se anunciam em outros países.

A poesia e a prosa atingem, no Modernismo, altitudes raramente obtidas. No entanto, mesmo com a assimilação das novidades e conquistas vanguardistas que tomavam conta da Europa, os modernistas não deixaram de desenvolver algumas linhas mais clássicas da lírica portuguesa, como a saudade, as camadas interiores do sujeito, a ânsia, a melancolia. Fernando Pessoa participa do Grupo Orpheu, revelando-se um de seus maiores escritores, pois não só assimilou o passado lírico de seu povo, como refletiu as grandes inquietações humanas no primeiro quartel deste século, além de evoluir para outras formas mais apuradas da poesia, o que nos leva a considerá-lo um dos maiores poetas da modernidade.



Santos Dumont – 14 Bis (1906).

(Fontes:<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Te000015.jpg>).

## MODERNIDADE E CONSCIÊNCIA DA MOBILIDADE

Com certeza, todos nós nos interrogamos sobre o sentido de modernidade no início do século XX. Sem dúvida, é difícil definir claramente o que se considerava ‘ser moderno’ naquele momento. Entende-se, aqui, modernidade como um movimento interno e contínuo, iniciado no século XVI e revigorado no decorrer dos séculos XIX e XX, adotando, no decorso do tempo, diferentes feições e variações. Contudo é válido considerar as ponderações de alguns estudiosos sobre o sentido de modernidade.

De acordo com Bernam (1982, p. 15): ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo em que, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”.

A definição de Bernam nos remete à coexistência ou aparição simultânea de tendências, atitudes e sentimentos opostos, basicamente euforia e angústia, que muito bem traduzem o ambiente do início do século XX na Europa, em que, por um lado, o progresso tecnológico e científico promete ao homem mudanças nunca antes visto (eletricidade, automóveis, cinematógrafo, indústrias, crescimento urbano), e, por outro, é causa de revoltas, insatisfações, ansiedades (revoluções, guerras, misérias etc.).

Conforme observamos no discurso do autor, o termo modernidade manifesta uma dialética, ou seja, um conflito originado pela contradição entre acontecimentos e/ou estados de espírito, uma realidade com um movimento incessante e contraditório. Percebe-se, em suas palavras, o sentido de tensão e, ao mesmo tempo de união entre o provisório e fugaz, de um lado, e o duradouro e inalterável de outro. Baudelaire, também, muito bem nos revela o sentido da palavra, em seu artigo *The painter of modern life* (1863), ao definir modernidade como sendo: “o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”.

Da mesma forma, Fernando Pessoa apresentou, através dos versos de Álvaro de Campos, sua maneira subjetiva de ver e entender a modernidade:

Sentir tudo de todas as maneiras,  
Viver tudo de todos os lados,  
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,  
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos  
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Como vemos, os versos de Álvaro de Campos nos sintonizam com o estado de espírito do homem do início do século XX, um ser múltiplo, multifacetado, que condensa em si próprio toda a humanidade, sentimentos diversos, sugerindo-nos a união do contraditório.

Modernidade seria, portanto, um fator de civilização que mudou completamente e desfigurou as relações do homem com o tempo e o espaço, além dos grupos humanos entre eles próprios. Em consequência, desenvolve-se uma nova relação entre consciência e mundo durante os séculos XIX e XX. Os principais artefatos ou signos, tomados como símbolos da modernidade, trazem em si a idéia de ruptura com o passado, e acenam com o novo signo que passa a abalizar o sentido de cada época: a fábrica, o burguês, o progresso, a máquina, a velocidade, os meios de comunicação, enfim, a novidade, o novo. No entanto, os objetos e valores produzidos na sociedade moderna têm permanência limitada pelo surgimento de novos valores, novos artefatos, novos signos de modernidade, isto é, a contínua superação, o permanente estado de vir-a-ser.

Para Linhares Filho (1998), a modernidade coincide mais ou menos com o modernismo, o que se pode entender como atualidade estética, abrangendo na literatura luso-brasileira, a produção literária do século XX, mais exatamente em Portugal aquela a partir de 1915, com a criação do grupo de Orpheu, e no Brasil, aquela a partir de 1922, com a ocorrência da Semana da Arte Moderna.

Sem dúvida, a difusão do “novo” na poesia portuguesa coube ao “cabeça” do grupo: Fernando Pessoa. O poeta não poderia, de forma alguma, escapar ao adjetivo modernista, não só pelo fato de cantar as máquinas, a velocidade, mas pela criação do poeta Álvaro de Campos, considerado por ele próprio “futurista”, como a dos outros heterônimos, que traz na base a dispersão do eu nos outros seres que são afinal ele mesmo.

Segundo o autor citado (1998, p. 15):

[...]a obra de F. Pessoa, tanto a ortônima quanto a heterônima se apresentam como padrão de modernidade. As diversas personalidades de Pessoa, isoladas ou em seu conjunto, representam o homem e o mundo do século XX, época que viveu e presenciou tantas mudanças (político-sociais, científicas, tecnológicas) e até mesmo catástrofes (em nível mundial e no próprio país).

Por não nos restar dúvidas de que Fernando Pessoa é um dos grandes vultos da modernidade, é que nos deteremos a seguir nos fatores de modernidade de sua obra poética.

### FATORES DE MODERNIDADE DA OBRA DE FERNANDO PESSOA:

Linhares Filho (1988) considera que a obra de Fernando Pessoa apresenta vários fatores de modernidade, apontados a seguir:

A intensidade da abertura e a consciência do fazer artístico.

Para o autor citado, a obra pessoana é aberta “pelo fato de cada personagem aparentar uma coisa e ser outra, cada uma questionando a outra e a si mesma.” Também considera que nela, há a *consciência do fazer artístico*, ou melhor dizendo, o poeta cria conscientemente. Segundo Linhares Filho (1997, p. 23), percebe-se isto “pelo requinte da elaboração estilística ou pela sugestão de cálculo expressivo da obra pessoana que o intencional se sobrepõe ao inintencional” em toda sua obra ortônima e heterônima. Ademais, essa consciência pode ser demonstrada através de:

Criação de metapoemas e de poemas programáticos-Muitos de seus poemas revelam a intencionalidade estética, a consciência crítica e colaboram para o desenvolvimento de uma arte poética. Vejamos o metapoema “Autopsicografia”:

#### AUTOPSILOGRAFIA

O POETA é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração. (OP. P. 164-165).

Observe o título do poema *Autopsicografia*. Vocês sabem explicá-lo? Tentem. Procurem o sentido do prefixo “auto” e do termo “psicografia”. Na verdade, F. Pessoa fala do poeta e da arte poética. Ele utiliza a função

metalingüística da linguagem. Ao dizer no primeiro verso “O poeta é um fingidor”, ele, sem dúvida, reflete a atitude da despersonalização pessoal, ao criar heterônimos, exprimindo-se como uma multiplicidade de personagens. Trata-se de um fingimento poético, uma criação consciente, fruto de seu imaginário, como ele próprio o revela em carta dirigida ao crítico literário Adolfo Casais Monteiro. Segundo Linhares Filho, 1998, p. 28, “vemos ainda refletida a concepção da deformação do real pela supra-realidade: ‘Que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente.’”

Na segunda estrofe, o poeta se refere aos leitores, concebendo uma leitura que é representada metonimicamente pela dor: “só a que eles não têm.” Sugere-nos aqui a forma como a obra é recebida pelos leitores, e, em consequência, a compreensão da abertura da obra. Na terceira estrofe, o coração é visto como um “comboio de cordas” que “gira a entreter a razão”, embora ela o subordine e o controle. “Trata-se da intelectualização da sensação” (Linhares Filho, p. 28).

Além desse poema programático, há outros como o que representa o Paulismo: *Impressões do Crepúsculo*, e o do Interseccionismo: *Chuva Oblíqua*.

Uso do vago, do complexo, do sutil - Ao utilizar as referidas categorias, Fernando Pessoa, ele-mesmo intelectualiza processos já usados pelos saudosistas. A consciência do seu uso é que constitui o sopro de modernidade. Vejamos a significação de cada uma dessas categorias:

Vaguidade - expressão do impreciso, do indefinido, dos estados anímicos indecisos, das idéias e realidades que se esfumam ou apenas sugerem (LINHARES FILHO, 1997, p. 34)

Sutileza - desdobramento de uma sensação em outras sensações que recompõem a primeira, intensificando-a. Segundo o próprio poeta a sutileza seria uma sensação simples que deve ser traduzida por uma expressão “que a torne vívida, minuciosa, detalhada [...], sem contudo acrescentar elemento que se não encontre na direta sensação inicial”.

Complexidade- alargamento que permite atingir um novo sentido mediante a intelectualização duma emoção ou a emocionação duma idéia. Conforme Linhares Filho, “entende-se a complexidade como acúmulo de contradições, como o que ocorre no paradoxo, ou de sensações, como acontece na sinestesia, ou como a mescla de situação própria do interseccionismo” (p. 34).

Abat-jour

A LÂMPADA acesa  
(Outrem a acendeu)  
Baixa uma beleza  
Sobre o chão que é meu

No quarto deserto  
Salvo o meu sonhar  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia  
E longe de aqui...  
Quando me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar... (OP. p. 149).

No poema acima, intitulado *Abat-jour*, o vago se une ao complexo, compondo uma atmosfera envolvente, em que o jogo de luzes e sombras é favorável à meditação. Percebe-se no ambiente uma voluntária confusão entre o subjetivo e o objetivo, um quê de paúllico: o crepúsculo, o além, o sonho etc. O lusco-fusco, o meio tom, tem cunho neo-simbolista, simbolizando a vaguidade e a indecisão no poema. A luz do abat-jour que outrem acendeu se constitui como que um magia, uma graça para o recinto: “Baixa uma beleza/ Sobre o chão que é meu”. A luz, embora precária, é valorizada pelo poeta que denota sensibilidade e tristeza.

Na segunda estrofe, além de referir-se a seu sonhar, o poeta fala do efeito de luz do abat-jour no chão que considera como seu: “Um círculo a ondear”. Para Linhares Filho, p. 42 “essa figura geométrica embora restrita em seu diâmetro demarcado pela luz do abat-jour, traz a potencialidade infinita, própria da circunferência (onde esta começa e onde acaba?) condizente com o potencial infinito do sonho tão cultivado pela obra geral do ortônimo”.

Processos modernos e ou criativos- Intenção de uma diversificação de opções literárias que constituem verdadeiros embriões de correntes literárias, todas elas com um fundo comum simbolista e a influência recente do futurismo. São eles:

Paulismo- voluntária confusão do subjetivo e do objetivo, pela associação de idéias desconexas, de frases nominais. Álvaro de Campos diz que “o paulismo pertence à corrente cuja primeira manifestação nítida foi

o simbolismo.” A designação de Paulismo para a «arte de sonho moderna» provém de uma poesia datada de 29 de março de 1913, que começa com a palavra «pauis». Paulismo significa, pois, poesia de paul ou pântano. O poema apareceu em 1914, no número único da revista *A Renascença*, e documenta o primeiro aparecimento de Pessoa como poeta português. Vejamos o poema abaixo:

### IMPRESSÕES DO CREPÚSCULO

Pauis de roçarem ânsias pela minh' alma em ouro...  
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh' alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!  
Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado  
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!  
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!  
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
Címbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade  
A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade  
O meu abandonar-se a mim próprio até desfalecer,  
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...  
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se.  
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...  
A sentinela é hirta - a lança que finca no chão  
É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...  
Trepadeiras de despropósitos lambendo de Hora os Aléns...  
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de ferro...  
Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...  
Portões vistos longe... através de árvores... tão de ferro!

( F.P. O Eu profundo e outros Eus, p. 75-76).

O poema *Impressões do Crepúsculo* é tido como programático, a partir do primeiro verso que se refere a uma situação paúlca “Pauis de roçarem ânsias pela minha alma em ouro...”, em cujo contexto apresenta o vago, ou seja, o indefinido, o impreciso; o sutil, isto é o desdobramento e ou intensificação das sensações e o complexo, ou melhor, a intelectualização de uma emoção ou a emocionação de uma idéia. A subjetividade e a objetividade se confundem tanto no verso inicial, como em outros.

Pauis de roçarem ânsias pela minh' alma em ouro...  
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh' alma...

A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade  
 O meu abandonar-se a mim próprio até desfalecer,  
 E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...

Como ninguém, F. Pessoa utiliza processos criativos e modernos, típicos de um artista que capta o que está no ar, as tendências que apenas se prenunciam.

Interseccionismo - processo típico da poesia moderna, paralelo às sobreposições dinâmicas da pintura futurista. Vejamos esse processo no poema abaixo, considerado o poema programático do Interseccionismo:

### CHUVA OBLÍQUA

Fernando Pessoa

Atravessa essa paisagem o meu sonho de um porto infinito  
 E a cor das flores é transparente de as velas dos grandes navios  
 Que largam do cais arrastando as águas por sombra  
 Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido  
 E esta paisagem é cheia de sol deste lado...  
 Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio  
 E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...  
 O vulto do cais é a estrada nítida e calma  
 Que se levanta e se ergue como um muro,  
 E os navios passam por dentro dos troncos das árvores  
 Com uma horizontalidade vertical,  
 E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro... [...]

(OP. p. 79).

O poema acima apresenta a intersecção de duas paisagens: uma real, com árvores, flores ao sol, água, e uma sonhada, de um porto “sombrio, pálido” e “infinito”. São dois planos que se entrecruzam e se sobrepõem, levando-nos a pensar na pintura cubista que multiplica as perspectivas de espaço produzindo a imagem de intersecção entre os objetos.

Também se verifica no poema, a intersecção dos planos subjetivo e objetivo: “Atravessa a paisagem o meu sonho de um porto infinito”, em que exterior e interior se atravessam e se mesclam.

Sensacionismo- a base de toda arte. A sensação tem que ser intelectualizada.

O Guardador de rebanhos – parte X  
Sou guardador de rebanhos  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheira-la  
E Comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de goza-lo tanto.  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo o meu corpo deitado no realidade  
Sei a verdade e sou feliz.

(Em Obra poética, Rio de Janeiro, Aguilar, 1965, p. 212-3.).

Pessoa, em Alberto Caieiro, defende a simplicidade da vida e das coisas e a sensação como único artifício adequado para atingir o conhecimento. Conforme vocês vêem, as sensações do poeta. Nesse poema, as sensações são captadas por todos os órgãos dos sentidos, em especial, pela visão.

Temática e atitudes da atualidade- problemática da ânsia, de inquietude, de pressa e ao mesmo tempo de torpor, opressão, desestabilidade social e descrença dos valores do espírito.

Leiamos o poema abaixo, que é um exemplo do que acima se coloca:

LISBON REVISITED (1926)  
(Álvaro de Campos)

Nada me prende a nada.  
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.  
Anseio com uma angústia de fome de carne  
O que não sei que seja -  
Definidamente pelo indefinido..  
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto  
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.  
Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.  
Correram cortinas de todas as hipóteses que eu poderia ver da rua.  
Não há na travessa achada o número da porta que me deram.  
Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.

Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.  
 Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.  
 Até a vida só desejada me farta - até essa vida...

Compreendo a intervalos desconexos;  
 Escrevo por lapsos de cansaço;  
 E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.  
 Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem leme;

(Em O Eu profundo e outros Eus, p. 254-255).

Em LISBON REVISITED, percebemos toda a ânsia, a inquietação do poeta, a instabilidade emocional que o assalta. Tal estado de espírito reflete uma atualidade que se caracteriza como a do pós-guerra, da primeira metade do século XX, mas que, de certa forma, se estende até hoje. Por um lado manifesta-se nos seres humanos uma confusa problemática de ânsia, de inquietude, de pressa e, por outro, um sentimento de opressão, de torpor, de desestabilidade social e descrença nos valores espirituais.

A preocupação com o ser- atitude filosofante da procura do ser- a consciência da condição humana, o existencial ontológico. Encontram-se abundantes exemplos da preocupação com o ser, da luta por alcançá-lo, na obra ortônima e heterônima de F. Pessoa. Conforme Linhares Filho, 1998, p. 67:

Essa luta se traduz por uma preocupação constante, por uma angústia existencial, assumindo a forma de constatação da dispersão do Ser, da consciência de não ser, da consciência de não saber ser, da impossibilidade de ser, ou assumindo a forma de inquirição do Ser, de um anseio de ser e até, às vezes, a de receio de ser e desejo de fuga de ser.

Aqui, alguns exemplos dessa preocupação ontológica:  
 Que é da minha realidade, que só tenho a vida?  
 Que é de mim, que sou só quem existo? (Alberto Caieiro, OP, P. 388).

Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço  
 O que sinto que sou? Quem quero ser  
 Mora, distante, onde meu ser esqueço,  
 Parte, remoto, para me não ter. (Fernando Pessoa, NPI, p. 91).

Eu já não sou quem era;  
 O que eu sonhei, morri-o. (F. P., NPI, p. 58).

Meu ser é a invisível curva  
 Traçada pelo som do vento... (FP. OP, p. 121).

Nada sou, nada posso, nada sigo.  
Trago por ilusão, meu ser comigo.  
Não compreendo compreender, nem sei  
Se hei de ser, sendo nada, o que serei. (FP, OP. P. 484-485).

2.1.5 A preocupação nacionalista com o momento português- Percebe-se esta preocupação, sobretudo no livro “Mensagem” - poema épico e lírico, neo-simbolista, nacionalista, místico e sebastianista. Mensagem é um livro com uma finalidade universalista. Um poema trino, onde se propõem uma síntese – a essência da nobreza; uma antítese – a monopólio do mar; e uma síntese – a futura civilização intelectual. “Resumo de oito séculos, não é só poesia que exalta, mas sobretudo poesia que obscurece para iluminar, pelas regras dos alquimistas”. Na obra, Fernando Pessoa expressou por outras palavras a necessidade de provocar, de lutar contra as adversidades, de não ter medo de ir contra a corrente e de defender o que se acha justo e perfeito. Leiamos alguns poemas da Obra Mensagem:

### PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO

'Sperai! Cai no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura  
É Esse que regressarei. ( F.P. O Eu profundo e outros Eus, p. 60).

### X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu. (F.P. O Eu profundo e outros Eus, p. 60).

#### QUINTO / NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer-

Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo fátuo encerra.  
Ninguém sabe que coisa quere.  
Ninguém conhece que alma tem,

Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.

Ó Portugal, hoje és nevoeiro..  
É a Hora! (F.P. O Eu profundo e outros Eus, p. 66).

Os poemas acima muito bem demonstram a preocupação de Fernando Pessoa com o momento português: um momento de tristeza, de instabilidade político-econômica, de incertezas. Os poemas do livro estão organizados de forma a compor uma espécie de epopéia, em que o conjunto dos textos líricos acaba formando um elogio de teor épico a Portugal. Esboçando a história do seu país, Pessoa se guia por um nacionalismo místico de caráter sebastianista. Daí a necessidade de falar sobre os antigos reis e, entre eles, D. Sebastião, cujo desaparecimento ainda jovem, gerou o mito de que um dia iria voltar e ressuscitar toda glória do tempo em que governou. Mensagem denota essa esperança, ainda presente no povo português, de alcançar a antiga glória

A abolição do dogma da personalidade - Pessoa faz um apelo para que tanto a violência estética quanto os poderes da linguagem acabem por se encarnar na própria individualidade ou voz única do poeta. Assim é afastada a tentação de o escritor exprimir o que sente passando a sentir por certo número de outros. A essa dispersão se dá o nome de heterônimo. Seg. Houaiss, heterônimo é um nome imaginário que um criador identifica como o autor de obras suas e que, à diferença do pseudônimo, designa alguém com qualidades e tendências marcadamente diferentes das desse criador.

O poeta, através dos diversos heterônimos, pulveriza-se e alia-se em sua alteridade. Alberto Caiero, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, além de seu semi-het-

erônimo, Bernardo Soares, dentre outros menos conhecidos, integram a intrincada personalidade de Fernando Pessoa. Através deles, Fernando Pessoa demonstra sua capacidade de flexibilização comportamental e de seleção/criação de vários estilos sobre si mesmo, o que demonstra a autonomia do sujeito na modernidade.

Os heterônimos são vários em suas distinções porque simulam, em suas particularidades, a manifesta heterogeneidade do mundo. São eles mediadores artísticos da agitação de uma época e, ao mesmo tempo, refletem a forma de Pessoa lidar e analisar a realidade que o circunda. A sua divisão simbólica na poesia o permitiu pensar sobre si e sobre o mundo no momento em que se sentia inseguro ou desestabilizado.

### RESUMO

Esta aula se voltou ao estudo do poeta português, Fernando Pessoa, com distinção para os fatores de modernidade presentes em sua obra poética. Inicialmente, procurou-se entender o sentido da palavra “modernidade” no início do século XX, sobretudo na Europa, procurando estabelecer relação com todo o contexto europeu da época, em que o progresso tecnológico e científico, ao tempo que anunciava ao homem mudanças imprevistas, era causa de revoltas, descontentamentos, angústias. O termo modernidade manifestou, naquele momento, uma dialética, gerada pela contradição entre acontecimentos e/ou estados de espírito; uma realidade com um movimento ininterrupto e incoerente. Percebe-se, no termo, o sentido de conflito, embora haja mudanças contínuas no tempo, o que possibilita novos sentidos, novas acepções. Linhares Filho (1998) considera que a modernidade coincide mais ou menos com o modernismo, abrangendo na literatura luso-brasileira, a produção literária do século XX, em Portugal, a partir de 1915, com o grupo de Orpheu, e no Brasil, a partir de 1922, com a Semana da Arte Moderna. A propagação do “novo” na poesia portuguesa coube, sobretudo, ao líder do grupo modernista: Fernando Pessoa. Por isso, foram apontados os principais fatores de modernidade do poeta que o levaram a ser o expoente do modernismo português, destacando-se: a intensidade da abertura e a consciência do fazer artístico; o uso de processos modernos e ou criativos; temática e atitudes da atualidade; a preocupação com o ser e a preocupação nacionalista com o momento português.

### ATIVIDADES

1. De acordo com tudo o que você leu sobre Fernando Pessoa, você concorda em chamá-lo “POETA DA MODERNIDADE”? Justifique sua resposta, construindo um texto sobre o autor, em que apresente argumentos que respaldem seu posicionamento.
2. A vaguidade, a sutileza e a complexidade estão presentes no poema que segue? Procure identificá-los e justificar sua presença ou não.

## O MISTÉRIO DAS COUSAS

(do "Guardador de Rebanhos" - Alberto Caeiro)

O mistério das cousas, onde está ele?  
Onde está ele que não aparece  
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?  
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?  
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?  
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,  
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.  
Porque o único sentido oculto das cousas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.  
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —  
As cousas não têm significação: têm existência.  
As cousas são o único sentido oculto das cousas.

3. Pessoa preocupou-se, em sua obra, com os processos modernos e criativos, com o Ser e com o momento português. Observe nos excertos abaixo, se há essas preocupações e justifique-as:

## O INFANTE

Deus quiere, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,  
E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.  
Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

( F.P. O Eu profundo e outros Eus, p. 53).

CHOVE. QUE FIZ EU DA VIDA?

Chove. Que fiz eu da vida?

Fiz o que ela fez de mim...  
De pensada, mal vivida...  
Triste de quem é assim!  
Numa angústia sem remédio  
Tenho febre na alma, e, ao ser,  
Tenho saudade, entre o tédio,  
Só do que nunca quis ter...  
Quem eu pudera ter sido,  
Que é dele? Entre ódios pequenos  
De mim, 'stou de mim partido.  
Se ao menos chovesse menos!

### COMENTÁRIOS SOBRE AS ATIVIDADES

1. Para realizar esta tarefa procure entender bem o que leu nesta lição, apreendendo o sentido do termo “Modernidade”.
2. Antes de iniciar a tarefa proposta, procure estar seguro do que são vaguidade, sutileza e complexidade.
3. Para resolver essa questão, é preciso saber um pouco da história de Portugal. Se você estudou e acompanhou bem os três módulos de Literatura Portuguesa, sem dúvida, você não terá dificuldades.



### PRÓXIMA AULA

Na aula que segue, estudaremos, com maiores detalhes, a biografia e a produção poética de Fernando Pessoa “ele mesmo”.



### AUTO-AVALIAÇÃO

Após o estudo da aula, consigo explicar o sentido do termo modernidade na Europa do início do século XX? Compreendi quais os fatores de modernidade da obra poética de Fernando Pessoa? Sou capaz de distinguir nos poemas o uso do vago, do complexo e do sutil? Sou capaz de conceituar e identificar, em poemas de F. Pessoa, processos modernos e criativos como o paulismo, o interseccionismo e o sensacionismo? Como explicaria a abolição do dogma da personalidade em Pessoa? E sua preocupação com o ser e com o momento português em que viveu?

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. **Antologia poética**. Introdução e seleção de Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Antologia de estética**, teoria e crítica literária. Coordenação e introdução Walmir Ayala. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- BERMAN, Marshall, **Tudo que é sólido desmancha no ar**, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- LINHARES FILHO. **A modernidade em Fernando Pessoa**. Fortaleza: EUFC, 1988.
- LISBOA, EUGÊNIO. **Poesia portuguesa: do "Orpheu" ao neo-realismo**, Lisboa, Bertrand, 1980.
- LOURENÇO, EDUARDO. **Poesia e metafísica**, Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O Eu profundo e outros Eus** (Seleção Poética) Seleção e nota editorial de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PESSOA, FERNANDO. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1969.